

Midiatização e Cotidiano Escolar: qual o papel do letramento midiático na educação de jovens e adultos?

Mediatization and Everyday School Life: what is the role of media literacy in the education of young people and adults?

Iris Menezes de Jesus¹
Walcéa Barreto Alves²

Resumo: O artigo apresentado trata de parte do resultado da pesquisa de doutorado, no programa de pós-graduação em Mídia e Cotidiano da Universidade Federal Fluminense (UFF), que busca interfaces entre os campos de educação e comunicação. Apresenta-se a investigação do letramento midiático de jovens e adultos da Rede Municipal de Niterói, entendendo o letramento como uma ferramenta para uma educação emancipadora e crítica. Nosso objetivo é analisar a capacidade interpretativa dos sujeitos investigados sobre as informações que permeiam a sociedade. Os resultados obtidos até o momento apontaram que o letramento no cotidiano escolar de jovens e adultos tem sido uma ferramenta essencial na construção da cidadania desses sujeitos, na ampliação da sua visão mundo, além de potencializar sua criticidade.

Palavras-chave: Letramento; Mídia; Educação.

Abstract: This article deals with part of the results of the doctoral research, in the Media and Everydaylife at the Universidade Federal Fluminense (UFF) postgraduate program, which seeks interfaces between the fields of education and communication. The investigation of media literacy of young people and adults of the Niterói Municipal Network is presented, understanding literacy as a tool for an emancipatory and critical education. Our objective is to analyze the interpretative capacity of the investigated subjects regarding the information that permeates society. The results obtained so far indicate that literacy in the daily school life of young people and adults has been an essential tool in the construction of citizenship of these subjects, in the expansion of their world view, in addition to enhancing their criticality.

Keywords: Literacy; Media; Education.

Introdução: educação é comunicação

A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados (Freire, 1983).

Com a frase acima, do ilustre educador Paulo Freire, introduzimos esse artigo.

O legado de Freire perpassa diversas áreas do conhecimento. Por sua vez, alcança também o campo da comunicação e o estudo das mídias. É possível observar como é vasta a contribuição desse autor para a compreensão dos processos comunicacionais. Um dos

¹ Doutoranda em Mídia e Cotidiano na Universidade Federal Fluminense (UFF), Brasil. E-mail: irismenezes@id.uff.br.

² Doutora em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF), Brasil. Professora Adjunta da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF/Niterói – RJ) e do Programa de Pós-graduação em Mídia e Cotidiano (UFF). E-mail: walceaalves@id.uff.br.

propulsores dos estudos em educação no Brasil, certamente o autor abriu caminhos para sua interlocução com o estudo das mídias numa perspectiva crítica, área interdisciplinar em ascensão.

Na obra póstuma “Educar com a Mídia” (2013), Freire nos aponta a dimensão política do olhar para as tecnologias e produções midiáticas. O autor afirma que “os meios de comunicação não são bons nem ruins em si mesmos. O problema principal consiste em perguntar a serviço ‘do quê’ e a serviço ‘de quem’ os meios de comunicação se acham, visto que envolvem relações de poder sobre os meios de produção (p. 13). A visão crítica sobre os conteúdos veiculados nas mídias digitais e sobre a sua materialidade - estrutura com que as mídias se espriam – é imprescindível para o manejo autônomo e consciente dos sujeitos.

Em diálogo com Paulo Freire, Sérgio Guimarães (2013) relata que observava em suas salas de aula que as crianças interagem com a mídia de modo ativo. Eles tinham suas críticas, ironias e dramatizações (como que releituras) sobre os meios e suas mensagens. Contudo, observavam também, que isso era pouco considerado pelos educadores, estudiosos e produtores dos meios. Essa constatação desvela a necessidade do olhar atento e escuta sensível ao que o outro tem a dizer, sendo o espaço da educação essencialmente comunicacional. Ressalta-se a importância, no caso da escola, de que os estudantes possam expressar, num processo de compartilhamento dialógico, suas reflexões, posicionamentos e questionamentos.

O modo como agimos e pensamos jamais se faz de modo isolado – se faz em processo de comunicação, constantemente. Mediados uns pelos outros, os seres humanos se comunicam mediante construções simbólicas, implementando “atos cognoscitivos” sobre o “objeto cognoscível” numa relação entre os “sujeitos cognoscentes” (Freire, 1983). Colocando o “objeto cognoscível” enquanto mídias, pontuamos aqui a relevância do desenvolvimento da perspectiva de uma educação midiática dialógica e crítica.

Desse modo, salientamos que a educação midiática – que aqui nesse texto trataremos como letramento midiático – é um caminho imprescindível a ser traçado. Compreende-se o letramento como um conjunto de competências midiáticas que tem por objetivo contribuir para o desenvolvimento da autonomia pessoal de cidadãos, bem como o seu compromisso social e cultural. Abrange tanto a maneira como os conteúdos midiáticos são consumidos quanto o modo como são produzidos (Ferrés e Piscitelli, 2015).

Possibilitar uma prática reflexiva no uso e apropriação dos meios de comunicação é uma abordagem pedagógica fundamental para promover o desenvolvimento integral dos indivíduos, em especial na sociedade contemporânea e, especificamente, no contexto escolar.

Muitos autores³, ao longo dos anos, vêm apontando a importância sobre a cultura midiática e digital em consonância com a educação. Deste modo, consideramos que ao olhar para a escola como *locus* elementar de ações educacionais intencionais e sistematizadas, há urgência nas ações que favoreçam a efetividade de práticas pedagógicas voltadas para uma perspectiva crítica de leitura, escrita e produção de textos midiáticos. Deve se resguardar à escola o seu papel e compromisso em estimular a reflexão frente a questões que se impõem na sociedade, sobretudo, diante de um cenário multimidiático.

É de grande relevância que as instituições educativas compreendam e incorporem com mais intencionalidade crítica as novas linguagens e seus modos de funcionamento, desvendando possibilidades de comunicação (e também de manipulação). É fundamental uma educação voltada para usos mais democráticos das tecnologias e para uma participação mais consciente na cultura digital⁴.

Isto posto, este artigo se propõe a tecer a relação entre cotidiano, mídia, mídiatização e educação midiática articulando-o a resultados de pesquisa que têm como fundamento práticas de letramento midiático na educação básica, na modalidade de jovens e adultos.

A pesquisa, ligada a tese de doutorado em andamento, foi desenvolvida em duas escolas da Rede Municipal de Educação de Niterói, entendendo o letramento como ferramenta para uma educação emancipadora e crítica. O desenvolvimento da investigação está conectado ao Núcleo de Estudos em Comunicação e Educação, Etnografia e Representações Sociais (NECEERS).

Nosso objetivo é observar as cotidianidades de jovens e adultos nos ambientes escolares, bem como investigar de que modo se constroem suas relações com as mídias, considerando a escola um espaço formador capaz de desenvolver a cidadania e estimular o senso crítico e democrático. Nesse contexto, faz-se necessária a compreensão de como uma sociedade mídiatizada é capaz de interferir nos processos comunicacionais e nas relações constituídas no cotidiano escolar.

³ Pierry Lévy, Mcluhan, José Moran.

⁴ Um termo novo, atual, emergente e temporal. A expressão integra perspectivas diversas vinculadas às inovações e aos avanços nos conhecimentos, e à incorporação deles, proporcionados pelo uso das tecnologias digitais e as conexões em rede para a realização de novos tipos de interação, comunicação, compartilhamento e ação na sociedade (Kenski, 2018, p. 139).

2 Mídiação, cotidiano e escola

O cotidiano escolar é permeado pelo contexto midiático. Este pode não somente se repercutir na maneira como os alunos aprendem, mas também como interação entre si e com o mundo ao seu redor. Notamos que a influência da mídia não apenas reflete valores e normas culturais, mas contribui para a sua formação e transformação.

A mídia está presente em todos os aspectos de nossa vida cotidiana (Silverstone, 2002). Produzindo importantes significações sobre fenômenos cotidianos e escolares, dada a sua expressividade. Ela não apenas faz comunicados informativos, mas também expressa opiniões, valores e perspectivas que podem moldar as atitudes e comportamentos individuais e coletivos.

Nota-se que o crescimento exponencial da presença das mídias na rotina de crianças, jovens e adultos tem alterado significativamente a dinâmica das salas de aula, o que proporciona novas camadas de complexidade ao ambiente educacional. Por isso, mais do que nunca, a escola tem a função de possibilitar e incentivar reflexões, principalmente, no que tange ao acesso às redes e as mídias sociais, dada a sua influência na vida de estudantes de diferentes gerações.

Diante desse cenário uma educação midiática se faz essencial, pois busca potencializar o uso crítico e consciente dos meios de comunicação. Possibilita não somente o entendimento sobre como a mídia funciona, mas indica modos de lidar com um mundo profundamente midiático, assim como provoca a imaginação sobre como as coisas podem ser diferentes do que está posto como parâmetro. Nesta direção, a educação midiática almeja promover o entendimento crítico que leve, sobretudo, à ação. É entendida como um direito à cidadania individual, garantidor da liberdade e da democracia (Buckingham, 2022).

Desta forma, estudar a mídia é fundamental, pois ela faz parte da vida de todos e não pode ser ignorada, já que influencia constantemente as ações, atitudes e decisões dos indivíduos. A escola deve, portanto, posicionar-se como aliada na construção de um letramento midiático, incentivando uma abordagem crítica e reflexiva sobre o consumo e a produção de conteúdos midiáticos.

Neste sentido, a escola precisa atuar de modo atento às dinâmicas provocadas pela era digital, já que as transformações e impactos trazidos por ela estão interligadas ao cotidiano. Os processos educativos devem buscar o engajamento dos estudantes numa atuação crítica diante da sociedade guiada e influenciada pelas tecnologias e mídias digitais. De acordo com Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs):

A sociedade, de modo geral, está constantemente se beneficiando dos progressos da tecnologia sem, muitas vezes, ter consciência disso. Ler um jornal, uma revista ou um livro, assistir à programação de televisão, utilizar o telefone; tomar um refrigerante, pagar uma conta no banco, fazer compras no supermercado, viajar de ônibus, trem ou avião são usos da tecnologia que fazem parte do cotidiano (Brasil, 1998, p. 135).

Conforme nos aponta Silverstone (2002) estudar a mídia é fundamental porque ela faz parte de nossa vida cotidiana. É impossível escapar à sua presença e representação. “Passamos a depender da mídia, tanto impressa como eletrônica, para fins de entretenimento e informação, de conforto e segurança, para ver algum sentido nas continuidades da experiência” (Silverstone, 2002, p. 12).

Nota-se a aproximação entre mídia e vida cotidiana ao considerarmos as influências que ela exerce na nossa vida diária, podemos então concordar com a afirmação de que “o homem nasce já inserido em sua cotidianidade” (Heller, 2014, p. 18). A vida cotidiana é, em grande medida, heterogênea. Nela, o homem vivencia aspectos de sua individualidade e personalidade ao mesmo tempo em que se insere numa perspectiva macrossocial e histórica. O ser humano é inserido no cotidiano enquanto pertencente à raça humana, situado no seu tempo e espaço, sendo ser particular e genérico (Heller, 2014). Desse modo, a cotidianidade nos tempos contemporâneos, atrelada a mecanismos do viver que envolvem elementos de alienação, é atravessada pela influência das mídias digitais.

Deste modo, observa-se que a escola está inserida no processo de midiaticização, isto é, está cada vez mais submetida ou dependente da lógica da mídia (Hjarvard, 2012). A midiaticização é um conceito central em uma teoria que explora a crescente mutação e importância dos meios de comunicação na cultura e na sociedade. Hjarvard (2012) define:

A midiaticização, tal como definida aqui, significa não apenas que a mídia desempenha um papel próprio, mas que, de uma vez, alcançou o status de instituição independente e fornece os meios pelos quais as demais instituições e atores se comunicam. Os meios de comunicação influenciam e intervêm na atividade de outras instituições, tais como família, política, religião organizada etc. (Hjarvard, 2012, p. 64).

Apesar da amplitude da definição de Hjarvard (2012), ele propõe a midiaticização como um conceito institucional, sem problematizar necessariamente os impactos da mídia no cotidiano interpessoal de cada sujeito. Ainda que consideremos a escola como uma instituição que, conseqüentemente, também se submete à lógica da mídia, é importante considerar as subjetividades e as experiências culturais de cada grupo social. Isto é, a produção midiática irá impactar de diferentes maneiras as diversas realidades.

Na contramão dos processos que entremeiam a cotidianidade e a midiaticização, entendemos a escola enquanto *locus* comunicacional dialógico que pode ser espaço de resistência à manipulação e alienação. Este espaço educativo por natureza pode ser potencializador de práxis pedagógicas de letramento midiático.

Em um cenário em que as mídias se transformaram em um suporte de transmissão rápida de informações, torna-se essencial criar uma perspectiva teórica e metodológica para enfrentar o desafio midiático, sobretudo, na educação de jovens e adultos⁵.

3 Desafios para a consolidação do campo mídia-educação

Bévort e Belloni (2009) apontam alguns motivos que compreendem cruciais para as dificuldades da consolidação do campo mídia-educação. O principal deles seria a pouca importância e pouco espaço dado para essa discussão na formação inicial e continuada dos profissionais da educação. Em muitos currículos dos cursos de licenciatura do Brasil, esse tema sequer aparece, nas práticas curriculares, conseqüentemente, menos ainda. Alguns projetos de pesquisa, ensino e extensão abordam essa relação, contudo seu alcance entre os licenciandos é proporcionalmente muito pequena.

No campo da educação básica, há um tímido crescimento da preocupação com a formação das novas gerações para apropriação crítica e autoral do uso das novas tecnologias. Há, ainda, a indefinição de políticas públicas na área, bem como as imprecisões ou confusões conceituais sobre a temática, entre outros. Essas são apenas algumas das dificuldades apresentadas pelas autoras que, certamente, dificultam a concretização do campo.

Podemos citar também como obstáculo o modo como a falta desse debate na formação docente contribui diretamente para uma lacuna na formação discente voltado para o uso crítico das mídias. Esse processo desemboca na ausência de iniciativas educacionais estruturadas com enfoque no letramento midiático. Tal configuração gera uma sociedade imersa no fenômeno da infodemia⁶, em que cidadãos se “afogam” no excesso de informações e, dada a falta de senso crítico, não conseguem sair do “mar de (des)informação” que os rodeia.

⁵ A educação de jovens e adultos (EJA) é uma modalidade de ensino da Educação Básica que está voltada para atender estudantes que não puderam concluir seus estudos de forma regular. É ofertada para jovens a partir dos 15 anos sem limite máximo de idade, abrangendo jovens, adultos e idosos.

⁶ Termo criado pelo jornalista americano David J. Rothkopf, tal fenômeno aplica-se ao excesso de informações criando um cenário de incertezas, medo e dúvidas de qual informação é confiável. O termo ganhou notoriedade, principalmente, com a chegada da pandemia de Covid-19, em que informações falsas e enganosas foram rapidamente espalhadas. Esta palavra se refere a um grande aumento na quantidade de informações relacionadas a um assunto em particular, que tem o poder de se multiplicar exponencialmente em pouco tempo devido a um evento específico (como a pandemia).

Outro obstáculo significativo é a desigualdade no acesso à mídia e à educação, que amplia as disparidades socioeconômicas e dificulta o alcance de uma educação midiática, que se dá em diversos níveis. Enquanto alguns estudantes têm acesso a uma ampla gama de recursos e ferramentas digitais, outros enfrentam dificuldades para navegar no mundo complexo da mídia e da informação, perpetuando as desigualdades de oportunidades.

De acordo com os PCNs “mesmo o mundo estando interconectado, não há uma unificação econômica e cultural e muito menos igualdade no acesso aos recursos tecnológicos. É um fato incontestável a desigualdade na distribuição e domínio dos recursos tecnológicos” (Brasil, 1998, p. 137). Vide que o documento já anuncia esse fato desde o final da década de 90. Atualmente, mais de 25 anos depois, esse problema persiste, alcançando proporções ainda maiores, visto que temos ainda locais onde a rede de internet não chega e o acesso a equipamentos eletrônicos é escasso ou até mesmo nulo frente às barreiras econômicas.

Por isso, é fundamental pensarmos o entrecruzamento entre mídias e educação, mesmo diante das dificuldades e imprecisões da área, pois acreditamos que, na sociedade atual, não é possível dissociar esses dois campos. Nota-se que, tendo em vista os perigos da desinformação junto às dificuldades de acesso, a escola, através de suas práticas pedagógicas, como o letramento midiático, tem a função de exercer um papel primordial no enfrentamento dessa problemática.

Isto posto, ressaltamos que o artigo apresentará resultados de um trabalho de pesquisa que buscou investigar o fenômeno do letramento midiático de jovens e adultos da Rede Municipal de Niterói, analisando a capacidade interpretativa destes sobre os diferentes tipos de informação que permeiam a sociedade, principalmente através de notícias jornalísticas.

4 O gênero notícia e a interpretação das manchetes

As funções de manchetes e títulos são, pois: em primeiro lugar, atrair, o olhar do leitor, em segundo, permitir-lhe decidir o que quer ler, mas ao mesmo tempo estimulá-lo a ler o texto todo da notícia(...). E por fim, contribuem para dar ao leitor crítico uma imagem da identidade do jornal ou de sua linha de informações (Faria, 2001, p. 196).

A notícia é um gênero textual que pertence ao jornalismo e tem o objetivo de relatar acontecimentos cotidianos com foco na realidade. Já a manchete é um resumo do que consta na reportagem em si, considerada a matéria prima do jornalismo. Segundo Sallorenzo (2018), a manchete é caracterizada por ser uma síntese que antecede a notícia, e sua construção respeita

critérios e fatores técnicos normativos prescritos. “É uma vitrine que transmite uma mensagem instantânea e de consumo instantâneo” (Sallorenzo, 2018, p. 21).

Em uma descrição mais completa, Juarez Bahia descreve que o título de uma matéria deve “extrair do texto toda a sua essência, interesse, objetividade, atualidade, novidade; transmitir o impacto da notícia; reunir concisamente o conteúdo da notícia; informar, sintetizando e valorizando a notícia” (Bahia, 1974, p. 160).

Develotte e Rechniewski (2000) explicam ainda que as manchetes alcançam um público bem maior do que aqueles que leem as notícias de fato. Isso porque o impacto das manchetes é exponencialmente maior ao considerarmos que quem lê manchete não necessariamente compra o jornal. Complementado esse pensamento podemos afirmar que atualmente esse movimento de leitura somente de manchetes está cada vez maior, pois em tempos de redes sociais, muitas vezes apenas os títulos de determinadas matérias estão disponíveis. O que pode gerar uma leitura rápida, tendenciosa e acrítica.

Deste modo, notamos o quão importante e impactante é a leitura e interpretação das manchetes jornalísticas. O linguista Van Dijk (1988) defende que a etapa inicial para entendimento de uma notícia consiste na decodificação e na interpretação das manchetes. Avança ao afirmar que a sua leitura é um evento social, não apenas porque o leitor é um participante relevante nos processos de comunicação pública, como também pelo extenso conhecimento social e pelas crenças que fazem parte desse processo. Para o autor, “a notícia é lida e compreendida em situações sociais, assumindo normas, valores, objetivos e interesses socialmente compartilhados” (Van Dijk, 1988, p. 140).

A recepção e a interpretação de uma notícia dependem do contexto social em que ela está inserida. Isso significa que a maneira como uma notícia é entendida não é apenas um processo individual, mas também influenciado pelas normas, valores, objetivos e interesses de um grupo ou sociedade.

Segundo o autor, no processo de análise da manchete são ativados modelos prévios de conhecimentos. Junto com essa ativação são formadas novas opiniões, fazendo com que o sistema cognitivo, após ler a manchete, esteja preparado para continuar ou interromper a leitura, bem como para a interpretação do restante do texto. Em seus estudos, Van Dijk apontou que as manchetes podem ser tendenciosas ou incompletas, “promovendo macroproposições de nível mais baixo para uma posição mais destacada na estrutura temática. Esse tópico tendencioso também pode influenciar a interpretação e compreensão do texto do lead” (Van Dijk, 1988, p. 144).

O autor está nos alertando para o fato de que a construção das manchetes não é uma questão neutra. Elas podem moldar a percepção pública e, quando tendenciosas ou incompletas, afetar a compreensão do leitor. Esse fenômeno é um aspecto importante da leitura crítica de mídia, pois nos possibilita identificar como ela pode manipular ou influenciar as opiniões do público por meio da escolha e da forma de apresentação das informações.

Isso implica dizer que os meios de comunicação têm um papel fundamental na construção do nosso pensamento cotidiano. Quando nos deparamos com discursos carregados de preconceitos, manchetes sensacionalistas e reportagens tendenciosas, é importante destacar que, se essas questões perpassam pela falta de uma leitura crítica dos fenômenos midiáticos, isto permite compreensões equivocadas ou pautadas em discursos discriminatórios.

5 Metodologia

Para realização desta pesquisa utilizamos a metodologia participativa baseada, sobretudo, nas teorias e discussões propostas por Michel Thiollent (1986).

O referido método se apresenta como um conjunto de práticas de investigação, diagnóstico, reflexão e ação, que tem em comum a exigência da participação dos interessados nos problemas levantados e na busca por possíveis soluções. O método participativo deve ser centrado na pesquisa e na disposição de agir por parte dos atores e interessados, com o objetivo de produzir conhecimento relativos a ações concretas. A participação pode ocorrer em várias modalidades e em diferentes graus de intensidade.

Sob essa perspectiva, consideramos para nosso estudo os métodos de observação participante e pesquisa-ação. Ambos valorizam a colaboração, a transformação social e a produção de conhecimento coletivo, desafiando os paradigmas tradicionais da pesquisa.

Apontamos que as discussões desenvolvidas nesse artigo estão situadas em uma fase exploratória, que consistiu em “desbravar” o campo de pesquisa, nos aproximarmos dos participantes, compreendermos suas expectativas e estabelecer um primeiro levantamento da situação para o desenvolvimento de eventuais ações. Buscamos compreender os fenômenos de forma imersiva e empírica. Essa fase foi possibilitada pela observação participante.

Posteriormente, propomos uma ação que visou a ação coletiva de construção de conhecimento emancipatório com vistas à transformação social, qual seja, a oficina de letramento midiático.

A pesquisa ora proposta foi realizada com jovens e adultos alocados em classes de Educação de Jovens e Adultos (EJA) em duas escolas da rede Municipal de Niterói. Essas

turmas eram constituídas por estudantes que possuíam idades variadas (entre 15 e 65 anos). Logo, em uma mesma conviviam jovens, adultos e idosos.

A escolha desse público se deu pelo fato de ser composto por indivíduos com distintos em diversos aspectos sociais (inserção no mercado de trabalho, tempo de afastamento da escola, maturidade) e que, ao mesmo tempo, compartilham o mesmo espaço de sala de aula, lidando com as mesmas questões do cotidiano escolar e com os mesmos conteúdos disciplinares. Tal configuração nos deu grandes possibilidades de análises comparativas e cruzadas.

O trabalho de campo dessa primeira fase da pesquisa teve quatro etapas: 1) observação participante, que permitiu o contato direto da pesquisadora com o campo e com os sujeitos pesquisados; 2) aplicação de questionário para se verificar o perfil do grupo pesquisado; 3) apresentação da temática sobre o letramento midiático, momento em que foi explicado o seu significado e apresentados exemplos de como ele acontece na prática; 4) realização de uma oficina de letramento midiático, que teve o objetivo de provocar e analisar as interações conjuntas dos participantes da pesquisa, com intuito de observar tendências tanto individuais quanto coletivas.

Neste trabalho, enfatizaremos a realização da oficina. Essa dinâmica esteve integrada à observação participante, que ocorreu de modo a analisar de forma mais direta as interações do grupo com relação às mídias e conteúdos midiáticos.

A observação participante foi realizada em duas escolas, localizadas no Município de Niterói. As turmas em que se realizou a dinâmica foram as de 9º ano da Educação de Jovens e Adultos (EJA) do segundo ciclo da referida Rede Municipal, nas quais observou-se atentamente o cotidiano, as interações e os processos comunicacionais do grupo. Conforme Peruzzo (2015) nos indica:

Em geral a motivação [da observação participante] é compreender de modo sistemático e com base científica os processos de comunicação existentes, como forma de identificar suas inovações, virtudes e avanços, mas também as falhas e os desvios de práticas comunicacionais (...). Paralelamente, poderá ter a preocupação de documentar a história de experiências consideradas relevantes (Peruzzo, 2015, p. 138).

Desta forma, no momento da observação, a escuta atenta e sensível se faz fundamental para notar as nuances existentes no grupo estudado. De acordo com Alves e Rangel (2019), a observação participante denota um envolvimento com a realidade a ser estudada, no sentido de

se perceber as trocas simbólicas e entender os significados que concernem ao campo de pesquisa.

Logo, após serem observadas questões como essas, foi realizada a ação da pesquisa na forma de uma dinâmica que chamamos de “oficina de letramento midiático”. A atividade teve o intuito de verificar, na prática, como se processam as relações dos estudantes com as mídias e contribuir para a formação crítica do grupo pesquisado. Ao mesmo tempo, a oficina buscou analisar como estavam presentes elementos relativos a processos de letramento midiático dos estudantes de diferentes gerações

A oficina foi realizada a partir da análise de notícias previamente selecionadas pela pesquisadora, com intuito de avaliar os modos de consumo e interação com as informações, a leitura crítica dos conteúdos noticiosos, a relação com os veículos de imprensa, as *fake news* e a desinformação.

Na oficina utilizou-se também como método a abordagem dialógica, considerando que compartilhar experiência e ouvir o outro potencializa o ato de aprender (Serpa, 2018). Dada a natureza democrática do diálogo, entendemos que ele pode nos proporcionar momentos únicos de ressignificações, trocas de saberes e aprendizagens coletivas. Freire (1983) nos alerta para o fato de que “o que se pretende com o diálogo é a problematização do próprio conhecimento em sua indiscutível relação com a realidade concreta na qual se gera e sobre a qual incide, para melhor compreendê-la, explicá-la, transformá-la” (Freire, 1983, p. 52).

Deste modo, como uma forma de comunicação face a face, os diálogos se mostram promissores em busca de uma educação emancipadora em que o processo de ensino-aprendizagem é contínuo e dialógico.

6 A voz das interlocutoras do campo de estudo – o letramento em processo

Conforme indicado anteriormente, foi realizada pesquisa participante (com observação participante de sala de aula) integrada à pesquisa-ação, tendo sido realizada a oficina de letramento midiático. Neste artigo, daremos enfoque a dois recortes da oficina, que se mostraram importantes para o tema desse trabalho. Neles, os estudantes participantes da pesquisa, expressaram sua voz e suas análises sobre diversos conteúdos midiáticos.

Durante a observação participante, que durou aproximadamente dois meses, foi possível observar que os alunos e alunas não apresentavam uma postura crítica quando o assunto “mídia” perpassava o cotidiano escolar. Quando uma manchete era compartilhada em aula pela docente,

os estudantes viam seu caráter informativo e/ou de entretenimento, mas apontamentos e questionamentos mais profundos não eram suscitados. Diante desse cenário, a oficina foi implementada com o intuito de potencializar a consciência crítica com a compreensão de que o letramento midiático é capaz de transformar realidades.

Após a observação participante, na qual foi analisada a relação dos estudantes com as mídias no cotidiano escolar e as vivências sobre o letramento midiático, iniciamos a oficina. A oficina tinha o objetivo de analisar a capacidade interpretativa dos sujeitos investigados sobre as informações que permeiam a sociedade, principalmente através de notícias jornalísticas.

Participaram da oficina, na primeira escola, 4 estudantes, do 9º ano, quais sejam: Flor (18 anos), Lídia (50 anos), Jade (15 anos) e Naju (15 anos).

Já na segunda escola, estiveram presentes 5 estudantes do 9º ano: Isabela (17 anos), Lena (17 anos), Lívia (50 anos), Raymond (50 anos) e Lili (65 anos)⁷.

Cabe pontuar que as turmas tinham um total de 15 estudantes, aproximadamente, e que a frequência era “baixa e rotativa”.

A infrequência e a oscilação de presença de alunos da EJA é, infelizmente, algo muito comum, dadas, em especial, devido às características próprias dos discentes dessa modalidade, quais sejam: eram trabalhadores, chefes de famílias, jovens repetentes ou que de alguma forma sentiram-se “excluídos” do sistema regular de ensino. Por isso, “abordar a questão da evasão da Educação de Jovens e Adultos é sempre muito delicado, visto que, são inúmeros condicionantes históricos, políticos, sociais e culturais que determinam essa realidade pujante” (Silva, 2010, p. 7).

Dando continuidade ao relato sobre a realização da oficina, os alunos receberam uma manchete cada, em que deveriam analisar individualmente para, posteriormente, discutirmos de modo coletivo. As reportagens eram diferentes e versavam sobre temas cotidianos. Elas foram escolhidas pela pesquisadora levando em consideração elementos oriundos da observação participante articulados às nuances que as notícias apresentavam. As mesmas continham temáticas que versavam sobre política, violência, racismo e machismo. As referidas manchetes foram retiradas de jornais *online* como *O dia* e *O Globo*.

Antes de apresentar as manchetes, foi realizada uma breve conversa com os estudantes perguntando:

Pesquisadora: “Como vocês costumam se informar no dia a dia?”

Jade: “Pelo celular, internet”.

⁷ Os nomes são fictícios.

Pesquisadora: “Mas em que plataforma?”

Jade: “Google”

Naju: “Tudo de rede social, Instagram, Facebook”

Lídia: “Internet também. Agora é tudo pela internet, né? Tem até a televisão, mas eu não tenho tempo, né, de ficar vendo televisão, jornal essas coisas. Então eu procuro as informações mais pelo Facebook, Google.”

Lili: “Eu vejo no google, Tv, gosto de assistir de manhã e redes sociais

É possível observar que os meios pelos quais os alunos se informam estão relacionados diretamente à utilização da internet, mas especificamente aqui notamos o uso das redes sociais. Percebemos, inclusive, que não houve uma diferenciação entre os estudantes jovens e os adultos – os modos com que eles afirmaram se integrar às notícias foram os mesmos.

Dito isto, o que podemos notar é que cada vez mais o uso das redes faz parte do cotidiano de jovens e adultos. Esse fato se dá relacionado a uma sociedade imediatista e efêmera, onde as formas de nos comunicarmos acompanham de igual modo a intensidade, a pressa e a rapidez de acesso inerentes a um “mundo líquido”: “Ser moderno passou a significar, como significa hoje em dia, ser incapaz de parar e ainda menos capaz de ficar parado” (Bauman, 2001, p. 37).

Posterior a esse momento, para que os alunos compreendessem melhor a temática, foi realizada uma apresentação, através de slides, sobre o que é letramento midiático e como o utilizamos na prática no nosso dia a dia. Foram apresentados exemplos de reportagens tendenciosas e preconceituosas, ressaltando a importância de uma leitura crítica dos meios para identificação de todas as nuances que uma notícia pode apresentar. No decorrer da conversa, os alunos se mostraram muito interessadas e trouxeram diversos exemplos dos seus cotidianos.

Logo após essa conversa inicial, com o objetivo de analisar a capacidade crítica e interpretativa quanto a reportagens jornalísticas cotidianas, foi entregue aos estudantes as notícias selecionadas. Nesse trabalho destacaremos duas em específico, uma de cada escola, pois consideramos estas como as que mais tiveram discussões e críticas quanto ao seu conteúdo.

A aluna Flor, da primeira escola, recebeu a notícia a seguir:

Figura 1 – Capa da Revista *Ela*, com foto de Manu Gavassi



Fonte: Revista *Ela/O Globo* (2022).

Essa matéria foi criticada pela própria Manu Gavassi em suas redes sociais e gerou grande repercussão sobre a forma como mulheres ainda são retratadas em artigos de revistas. Sobre essa manchete, as alunas apontaram:

Jade: “Tudo isso para falar do silicone, para expor os peitos dela?”

Flor: “E que fez transição capilar, só fala da aparência dela”.

Naju: “Tá falando até da transição capilar da mulher, deixa ela. Se ela gostou, tá se achando melhor assim, é problema dela. Não precisa dessa exposição, mas nêgo [sic] vai e expõe só porque é famosa, tá na mídia. Uma coisa boba pra clicar, só pra dar dinheiro pra eles”.

Jade: “Ela falou milhões de coisas interessantes na entrevista, mas só pegaram sobre o corpo dela”.

Naju: “Só coisa sem necessidade”.

Flor: “Pois é, será que a entrevista foi só isso?”

Essa manchete repercutiu bastante entre as estudantes, talvez por estarmos todas entre mulheres e por ser um personagem conhecido delas. Logo de início, as alunas já notaram que a notícia focou no aspecto físico da atriz, o que as fez questionar se a entrevista tinha realmente

sido sobre as transformações em sua aparência. Naju relacionou a matéria, inclusive, aos *clickbait*s⁸, comentando: “Uma coisa boba, pra clicar, só pra dá dinheiro pra eles”.

Esse foi um dos assuntos que conversamos na oficina. Foi esclarecido que essa matéria não necessariamente tratava-se um *clickbait*s. Foram explicados e apontados os significados de diversas expressões presentes no meio jornalístico, contudo obviamente tais conceitos não são fáceis de serem compreendidos apenas com uma oficina.

Mesmo diante das dificuldades de compreender determinadas concepções, o que se observou é que elas se esforçaram para entendê-las e identificá-las em uma matéria jornalística, ainda com as complexidades que cada uma apresenta. Aos poucos, as alunas foram se apropriando e compreendendo a importância de um olhar atento aos conteúdos midiáticos. Esse diálogo abriu caminhos de compreensão e curiosidade sobre o tema. Foi ampliada a compreensão das estudantes sobre a estrutura de uma notícia e as intencionalidades que perfazem a construção de uma matéria, potencializando sua criticidade.

Diante do exposto, denotamos que a mídia ocupa um espaço significativo na sociedade, capaz de produzir significações sobre fenômenos cotidianos e divulgando-os massivamente. Nesse caminho, deve-se buscar evitar que ela contribua para sedimentar processos estigmatizantes, machistas e reprodutores de violência, o que pode ser viabilizado através do letramento midiático.

A estudante Lívia, da segunda escola, recebeu a seguinte manchete:

⁸ Clickbaits – segundo Hurst (2016), são uma forma de título de notícia com propósito de ser vago, mas intrigante o suficiente para fazer o leitor clicar na notícia na sua rede social e ir para a página do artigo, onde ele consegue mais informações. Esses títulos são sensacionalistas por natureza e são feitos para chamar a atenção e incitar curiosidade sobre suas histórias sem revelar informações importantes.

Figura 2 – Manchete do jornal *O dia*, com título sobre crime de influenciadora

Fonte: Jornal online *O dia* (2022).

Após a leitura individual da notícia, ao ser aberto o compartilhamento em grupo, duas alunas se posicionaram, dizendo:

Lívia: eu entendi que ela, apesar de ter sido apontada como integrante de uma quadrilha, é uma influenciadora que deve ser rica e por isso não foi presa, pois tem uma condição boa. Ainda colocou logo “influenciadora”, para não ter dúvida de quem é. Deve ser uma influenciadora bem-sucedida.

Isabela: Ah, deve mesmo. Esse povo com dinheiro faz de tudo.

A manchete utiliza o termo “influenciadora” logo no início, destacando a “profissão” da acusada de forma imediata. Nos dias atuais, a imagem de influenciadores refere-se a pessoas de status, riqueza e popularidade. Logo, a palavra “influenciadora” simboliza, no imaginário coletivo, uma pessoa com grande poder aquisitivo, visibilidade e, muitas vezes, uma vida de luxo. Essa foi, exatamente, a associação feita pelas alunas. Inclusive, elas associam o fato de a influenciadora não ser presa, dada a sua possível condição financeira.

Nota-se que Lívia inicia sua fala dizendo que “apesar de ter sido apontada como integrante de uma quadrilha, é uma influenciadora”, ou seja, ela reconhece que o status dessa mulher está acima de seu crime. Esse tipo de tratamento, aponta uma tendência midiática em adotar uma postura menos condenatória quando se trata de figuras públicas ou pessoas de classe alta, como influenciadores ou celebridades. Entretanto, essa abordagem não é vista quando um crime é cometido por alguém de classe baixa, onde a mídia tende a tratá-lo de forma mais

punitiva, sem atentar para o contexto social que poderia ter levado tal indivíduo a cometer tal ato.

É possível notar a percepção das estudantes quanto a influência que a mídia pode exercer ao (re)tratar de forma distinta pessoas envolvidas em situações delituosas a depender de sua raça ou classe social. O que das duas maneiras representa um tratamento preconceituoso e enviesado.

Isto posto, observa-se como os meios de comunicação têm um grande impacto na formação de opinião do público que, muitas vezes, absorve a mensagem transmitida sem necessariamente refletir sobre tal realidade. Sendo assim, ressalta-se a necessidade de se incentivar uma educação para as mídias e o ambiente escolar tende a ser um espaço promissor de estímulos, debates e reflexões ante a essa conjuntura.

Observa-se que as manchetes despertaram um senso de cidadania nas alunas. Não é nossa intenção culpabilizar a imprensa ou os redatores. Cabe, contudo, demonstrar que, ao fazer parte de uma sociedade em que a construção da realidade social foi pautada em estruturas preconceituosas, a imprensa pode tanto ser influenciada quando apresentar fortes influências nessa construção.

De acordo com Meditsch (1997) “como produto social, o jornalismo reproduz a sociedade em que está inserido, suas desigualdades e suas contradições. Nenhum modo de conhecimento está completamente imune a isso” (Meditsch, 1997, p. 11). Isto é, diante de uma sociedade repleta de preconceitos de gênero, raça, classe, dentre muitos outros, o jornalismo acaba por reproduzi-los mesmo que de forma inconsciente.

7 Considerações finais

Diante do exposto, foi possível notar que, através da oficina, os estudantes assumiram uma postura mais ativa e crítica diante de conteúdos jornalísticos. Conseguiram compreender melhor determinados processos sociais e como a mídia pode atuar direta ou indiretamente nos processos de formação de opinião e na construção de discursos.

Nota-se, assim, que é essencial que os sistemas de ensino estimulem o senso crítico de estudantes em relação às informações midiáticas. É fundamental pensar nas diferentes relações que jovens, adultos e idosos possuem com a mídia. Deste modo, evidenciamos os desafios e a relevância do campo jornalístico-midiático no ambiente escolar, sobretudo de estudantes

inseridos em mundo midiaticizado, em que a mídia ocupa cada vez mais espaço no cotidiano de diferentes gerações.

Isto posto, notamos que a escola não pode se manter distante dessa realidade e precisa encontrar caminhos para introduzir o letramento midiático e digital por meio de práticas pedagógicas significativas para os alunos, que possam contribuir para a construção de conhecimentos e para sua formação.

Corroborando com as reflexões realizadas, Freire (2013) impulsiona a ideia de uma escola que esteja à altura das novas exigências sociais e históricas. Para ele, a escola não precisa ter medo de dialogar com os meios de comunicação, já que ambos podem se influenciar mútua e positivamente.

Nesse contexto, o letramento midiático surge como uma competência indispensável para que os indivíduos sejam capazes de vivenciar e explorar de forma crítica e participativa as constantes transformações sociais, nas quais a escola também se faz presente.

Referências

- ALVES, Walcéa Barreto e Rangel, Mary. **A escola no espelho: as representações do aluno**. Niterói: Eduff, 2019.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.
- BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. **Parâmetros Curriculares Nacionais** (Ensino Fundamental). Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BUCKINGHAM, D. **Manifesto pela educação midiática**. São Paulo: Edições Sesc, 2022.
- CANDAU, V. M. **Magistério: construção cotidiana**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- CELOT, Paolo; PÉREZ-Tornero; José Manuel (coord). **Study on Assessment Criteria for Media Literacy Levels. A comprehensive view of the concept media literacy and an understanding of how media literacy levels in Europe should be assessed**. For the European Commission, Directorate General Information Society and Media, Media Literacy Unit. Brussels, 2009.
- DEVELOTTE, C.; RECHNIEWSKI, E. **Discourse analysis of newspaper headlines: a methodological framework for research into national representations**, 2000. Disponível em: <<http://wjfms.ncl.ac.uk/titles.htm>>. Acesso em: 12/11/2024.
- FARIA, Maria Alice. **Manchetes e títulos no jornalismo impresso brasileiro: o dito e não-dito**. In: AZEVEDO, José Carlos de (org.) **Letras e comunicação: uma parceria no ensino de língua portuguesa**. Petrópolis Vozes, 2001. P. 196-212.
- FERRÉS, J.; PISCITELLI, A. Competência midiática: proposta articulada de dimensões e indicadores. **Lumina**, [S. l.], v.9, n.1, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/21183>>.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** 8ª edição. São Paulo: Paz & Terra, 1983.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Educar com a mídia:** novos diálogos sobre educação. São Paulo: Paz & Terra, 2013.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a História.** São Paulo: Paz & Terra, 2014.

HJARVARD, Stig. Mídiação: conceituando a mudança social e cultural. **Matrizes**, São Paulo, V.8 n.1, p.21-44, junho 2012.

HURST, Nathan. **To clickbait or not to clickbait? an examination of clickbait headline effects on source credibility.** University of Missouri. Tese (Doutorado). Columbia, 2016.

KELLNER, Douglas. **A Cultura da Mídia – Estudos Culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno.** São Paulo: EDUSC, 2001.

KENSKI, Ivani M. Cultura Digital. In: MILL, Daniel. **Dicionário crítico de Educação e tecnologias e de educação a distância.** Campinas, SP: Papirus, 2018. p. 139-144.

MEDITSCH, Eduardo. **O jornalismo é uma forma de conhecimento?** Florianópolis, 1997. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/meditscheduardo-jornalismo-conhecimento.pdf>. Acesso em: 25 set. 2024.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de; SGARBI, Paulo. **Estudos do cotidiano e Educação.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

PERUZZO, Círcia Maria Krohling. Observação participante e pesquisa-ação. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação.** São Paulo: Atlas, 2015.

SALLORENZO, Letícia. **Gramática e Manipulação: Análise Cognitivo - Funcional de Manchetes de Jornais Durante o Segundo Turno das Eleições Presidenciais de 2014.** Brasília, 2018.

SILVA, Francisco Canindé. Evasão na Educação de Jovens e Adultos nas Escolas da Rede Municipal de Assui/RN. **Contextos de uma Realidade Pedagógica e Curricular.** In: I Congresso Internacional da Cátedra UNESCO de Educação de Jovens e Adultos. João Pessoa, 2010.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar mídia?** São Paulo: Edições Loyola, 2002.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação.** São Paulo: Cortez Editora, 1986.

VAN DIJK, T. **News as discourse.** New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1988.

Recebido em: 15/04/2025

Aceito em: 03/06/2025